Discussão sobre a Perspectiva Estética em Umberto Eco: limites e Contribuições

Railson da Silva Barboza

Universidade Federal Fluminense – Niterói-RJ,

E-mail: railson_barboza@yahoo.it

Resumo: O objeto de estudo desse trabalho não é tanto a definição propriamente da arte, mas sim seu problema filosófico da possibilidade e o limite de uma definição *a priori* da arte. Assim, propomos trazer a discussão sobre o conceito da Arte, e suas perspectivas, na visão do famoso crítico Umberto Eco. Dessa forma, ao discutir as recusas das estéticas normativas e estabelecer novos parâmetros para definir o que é de fato a arte, partimos pela possibilidade de ter ou não uma definição especulativa da arte.

Palavras-chave: Arte; Estética; Umberto Eco; Definição Filosofia.

The Discussion about the Aesthetic Perspective in Umberto Eco: limits and contributions

Abstract: The object of study of this work is not so much the definition of art itself, but its philosophical problem of possibility and the limit of an *a priori* definition of art. We propose to discuss the concept of Art, and its perspectives, in the view of the famous critic Umberto Eco. possibility of having or not a speculative definition of art.

Keywords: Art; Aesthetic; Umberto Eco; Definition – Philosophia.

Introdução

A problematização da definição da arte, como sabemos, não se fundamenta apenas na concepção subjetiva do que seria ou não arte, nem está presente no exame sobre o tema de alguns filósofos. Mais do que definir, a importância no tema recai na problematização de uma definição *a priori* da arte. Quando recai o conceito estético da arte como formatividade e interpretação, segundo Eco (2020, p.11)[2], trabalhamos "uma concepção de arte como *fazer*, fazer concreto, empírico, fabril, num contexto de elementos materiais e técnicos" que se funde a "um conceito da coisa de arte como organismo regido por uma inteira legalidade estrutural", em outras palavras, por seguir criteriosidade uma metodologia que faz da arte unicamente uma representação técnica perfeccionista.

Dessa forma, faz necessário entender de que maneira podemos refletir sobre a arte, e ainda se ela seria capaz de promover uma reflexão para além daquela que o autor da obra gostaria de passar. Surge, desse modo, a problematização que se baseia na minha subjetividade ao analisar a obra, e desse modo o que ela me despertou, com a intencionalidade que o autor da referida obra produziu aquele carácter. Qual seria o limite da interpretação? Até onde o receptor da arte pode ir? E qual o real papel da intencionalidade do autor?

Todas essas indagações justificam a importância de debater sobre a perspectiva estética da arte, à luz dos escritos de Umberto Eco.

Objetivos

- Apresentar a discussão teórica de Umberto Eco sobre a Arte.
- Entender a importância sobre o conceito de Arte na contemporaneidade.
- Discorrer sobre o tema da arte enquanto objeto criado (pelo artista) e objeto entendido (aquele que contempla a obra)

Resultados

As questões relativas à interpretação da arte segundo Umberto Eco estão condicionadas à diversos fatores. As características fundamentais do que podemos considerar a definição da arte (também da literatura), para Eco, são: a) a compreensão de abertura; b) a noção de idioleto estético; c) o entendimento de auto referencialidade.

a) **Compreensão de abertura**: a forma artística é indeterminada, fruto de uma dialética entre definição e abertura. Na passagem entre uma e outra, há sempre uma margem de indefinição, característica da situacionalidade da fruição.
b) **Noção de idioleto estético**: a interpretação da obra depende do movimento por parte do espectador, que organiza intelectualmente o que lhe é apresentado. As mensagens estéticas desafiam os hábitos interpretativos.

Assim, é fundamental que o receptor (ou intérprete) se aventure na obra, e pela sua experiência conceitualize.

c) **Entendimento de auto referencialidade:** A mensagem estética é autorreflexiva, comunicando sua organização inseparável entre conteúdo e forma, na arte. Assim, dificilmente não encontraremos (ou haverá separação) a intencionalidade do autor na referida obra.

A interpretação da obra de arte se torna uma tarefa cognoscível, onde se associa a estrutura subjacente a um sentido propriamente subjetivo. Dessa forma, segundo Antônio Barros de Brito Jr. (2010, p.6)[1], "ao transgredir, de forma homogênea, o código que sustenta a referencialidade das mensagens habituais, a mensagem estética, por conseguinte, a obra artística, incita o fruidor a voltar-se para ela própria". Diferentemente de Benedetto Croce, que acreditava na morte da arte quando esta desenvolvia uma reflexão e um juízo estético, Eco (2020, p.14)[2] afirma que o movimento crítico é "movimento inteligente em direção à forma, pensamento exercitado no interior da operação formante e voltado para a realização estética". A arte, portanto, não deve ignorar a fisicidade, pois "a produção artística será um *tentar*, um proceder a partir de propostas e esboços, de pacientes interrogações da "matéria"" (ECO, 2020, p.17)[2]. Vemos assim que negar a importância da representação física em detrimento de uma concepção puramente metafísica ou idealística da arte é, de alguma forma, uma redução do espírito da arte. A formação do objeto artístico se debruça num constante *tentar*, que por finalidade tem a busca pelo próprio êxito do artista.

Discussão

Em quê sentido podemos encontrar um linear pensamento entre os limites da interpretação por parte do sujeito receptivo?

Há um pensamento vigente onde deveria se educar de forma universal para a sensibilidade na apreciação de toda e qualquer forma de arte. Porém, segundo Camila Landucci (2014, p. 87), Eco afirma que se pode cometer uma grande injustiça se "selecionar alguém aleatoriamente para permanecer uma noite inteira em frente ao *Matrimônio della Vergine*: não seria justo e pouco ético impor aos habitantes de uma casa a transformação de sua própria fachada em galeria de arte". Ou seja, há limitações

sensíveis e cognoscíveis ao indivíduo que podem bloquear a mensagem ou o valor da própria obra de arte, independentes da vontade ou da genialidade do próprio artista. Nas palavras de Eco (2020, p. 18), as formas da arte (assim designamos o objeto artístico reproduzido) "exigem um construir-se segundo uma intencionalidade natural que não se opõe à intencionalidade humana, pois só será produtiva se interpretar aquela". Há uma polaridade entre formador e intérprete, e dentro desta a possibilidade de infinitas interpretações. "Dando vida a uma forma, o artista entrega, acessível às infinitas interpretações possíveis" (ECO, 2020, p. 30)[2], desse modo, entendemos que "cada acesso é um modo de possuir a obra, de vê-la inteira e, contudo, sempre repercorrível de novos pontos de vistas, pois não há interpretação definitiva e exclusiva" (ECO, 2020, p. 31)[2].

Segundo Landucci (2014, p. 86), para Umberto Eco essa "falta" de sensibilidade ou capacidade intelectual para apreciar ou compreender a beleza estética da arte não é um problema apenas de ordem sensível, mas em suas palavras, "o crítico italiano direciona seus argumentos observando que este problema não é simplesmente estético, mas também ético". Ou seja, "a apreciação estética, mesmo a de uma obra esplêndida, eventualmente esbarra em questões éticas" (LANDUCCI, 2014, p. 87)[3]. Diante da reflexão econiana, Brito Jr. afirma que "interpretar a obra é, portanto, conhecê-la; é poder dizer algo sobre ela, algo cuja validez transcende a própria situacionalidade da experiência estética e busca se impor como uma explicação e uma compreensão" (BRITO JR., 2010, p. 7)[1]. Essa compreensão está relacionada entre o mundo e o código. Entretanto, continua, que "a validez de uma interpretação é obtida, também, mediante a "chancela" que lhe é dada no âmbito intersubjetivo" (BRITO JR. 2010, p. 13)[1], enquanto a validação dos conceitos teóricos fixa no campo da abstração "quando não são correlacionados com a experiência crítica concreta, mas em tal caso, enquanto orientam e explicam esta experiência, elucidam aquela condição de risco e reexaminabilidade que é própria da exegese artística" (ECO, 2020, p. 31)[2].

Conclusão

Um dos fenômenos mais comuns da atualidade é o comportamento similar (ou quase igual) que os indivíduos desenvolvem diante de determinada obra, ou peça contemplativa. Para alguns, poderia ser uma falta de capacidade cognitiva, porém

segundo Brito Jr. (2010, p.15)[1], há essa postura "buscando aparentar-se ao próximo, buscando exprimir-se como o próximo, o sujeito alcança uma fruição estética que transcende a obra e consagra a comunidade". Segundo o semiólogo base de nosso trabalho, "a obra é as reações interpretativas que suscita" (ECO, 2020, p. 31) [2], não constituindo-se apenas como o produto singular chancelado por uma autoria, mas como um objeto capaz de despertar múltiplas experiências. Assim, vemos a infinitude das interpretações no campo da arte, não restritas às possíveis limitações do sujeito, mas capaz de remodelar seu sentido de acordo com o que o sujeito pode e vai interpretar.

Agradecimentos: O autor Raílson da Silva Barboza gostaria de agradecer o apoio dado pelos organizadores do evento, à sua família e pela CAPES.

Referências

[1] Brito JR., Antônio Barros de. *Arte e abdução na obra teórica de Umberto Eco*. Cadernos de Semiótica Aplicada. Volume 8, nº 1. UNESP. São Paulo, 2010.

[2] Eco, Umberto. *A definição da arte*. Tradução de Eliana Aguiar. Editora Record. Rio de Janeiro, 2020.

[3] Landucci, Camila Aparecida. *Arte e Cultura, Política e Filosofia: a crítica do contemporâneo nas crônicas de Umberto Eco.* Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista. Assis, 2014. 136 p.